

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

Os Senhores do Carma – Terceira Parte

Conferência em Barcelona

11 de outubro de 1980

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

# O REINO DÉVICO

## Os Senhores do Carma. Terceira Parte.

---

**Vicente** - Conforme dissemos na palestra anterior, o tema dos Senhores do Carma constituiu um apaixonante mistério espiritual para o investigador esotérico de todos os tempos. Contudo, o impenetrável segredo que envolve a excelsa vida dos Senhores do Carma só será revelado no recebimento de certas transcendentais iniciações recebidas nos mais altos níveis do sistema solar. Assim, o que fizemos na palestra anterior e o que vamos fazer nesta de hoje é tentar principalmente revelar os mistérios menores acerca da vida e qualidades destas misteriosas entidades, agentes do bem universal, e falar também do trabalho que realizam dentro do círculo-não-se-passa do universo.

Uma parte do segredo que pode ser revelado acerca dos Senhores do Carma é, como sabem, o sentido de que não são uma abstração, tal como se diz em linguagem profana, mas que são algo concreto e positivo, entidades angélicas de elevadíssima e indescritível perfeição espiritual, cuja evolução se realiza em desconhecidos níveis do plano mental cósmico, que atuam de forma independente e que cada um deles rege um setor definido dentro do sistema solar e na vida da natureza, realizando seu trabalho por meio de uma infinita e prodigiosa quantidade de devas de distinta hierarquia, os quais exercem definidamente seu poder desde os níveis arúpicos ou sem forma, até às mais objetivas formas da vida dos reinos inferiores, seguindo, tal como dissemos, quatro objetivos específicos que constituem a essência particular de suas vidas e de suas missões especiais: primeiro a destruição de todas as formas cristalizadas na vida do universo; segundo, a expressão constante e permanente do propósito de perfeição solar; terceiro, o registro cíclico de todos os acontecimentos temporais e atemporais dentro do universo e, quarto, a criação de formas novas pelo processo infinito de revelações dos impulsos na vida da natureza e, tal como dissemos, estas quatro atividades fundamentais caracterizam ou personificam, se me permitem, a cada um dos Senhores do Carma. Vejamos: o Anjo da Morte, o Anjo da Justiça, o Anjo dos Arquivos e o Anjo da Liberação.

Bem, o tema que vou submeter à consideração de vocês é a atividade dos Senhores do Carma sobre a vida do ser humano, analisando os quatro aspectos particulares que definem nos acontecimentos do tempo, os condicionamentos que gravitam sobre a personalidade humana em tempo e espaço e que, como sabem, são quatro, porquanto estão devidamente relacionados com a atividade de cada um dos Senhores do Carma. Estas atividades são o nascimento, a doença, a velhice e a morte. É lógico supor que tais aspectos estarão condicionados pela atividade particular de um ou outro dos Senhores do Carma, já que se estabelecemos uma analogia com o que foi dito na palestra anterior, podemos extrair da mesma a seguinte relação: o nascimento, símbolo de iluminação ou de aluminação, está relacionado com o Anjo da Liberação; a

doença, como limitação de faculdades humanas, está relacionada com o Anjo da Justiça; a velhice ou a expressão limitadora da ação do tempo na pessoa, vem condicionada inteiramente pelo Anjo do Tempo, isto é, o Anjo dos Arquivos Akáshicos ou, tal como se diz esotericamente, a Memória Cósmica da Natureza. E, finalmente, a morte, este processo destruidor de todas as formas gastas, incapazes de resistir ao impulso dinâmico da vida, está regido inteiramente pela atividade do Anjo Exterminador, o destruidor da forma, o Anjo da Morte. As condições que presidem o nascimento de um ser humano à vida física são inteligentemente preparadas pelo Senhor da Liberação, seguindo as diretrizes assinaladas por seus irmãos o Anjo da Justiça e o Anjo da Memória Cósmica. O Anjo da Morte, respeitosamente à parte, deve aguardar a hora cíclica em que a forma seja totalmente desnecessária por falta de fluidez e de adaptação ao processo da vida, para cumprir então a sua função destruidora.

O Senhor da Liberação, que decide o ato cíclico do nascimento, regendo os períodos solenes que se estendem desde o instante da concepção – um milagre cósmico – até o momento supremo do parto, o surgir à luz da forma física gestada nos momentos de obscuridade dentro do claustro materno, constitui um ato de liberação da própria forma e é a representação na vida da matéria daquela outra liberação ou entrada no Reino da Luz que, esotericamente, chamamos de Iniciação, confirmando-se plenamente e em todos os sentidos imagináveis o princípio hermético de analogia: “Assim como é em cima é embaixo; assim como é embaixo é em cima”, cuja relação se prolonga desde as bases materiais da existência até os mais elevados níveis espirituais, assinalando de luz o processo que, desde tempos imemoriais, se conhece sob o nome místico de Caminho.

Os atos cíclicos que pressagiam ou anunciam um novo nascimento na vida de qualquer alma humana são cuidadosamente cronometrados, para dizê-lo de alguma maneira, pelo Anjo dos Registros Akáshicos, o qual submete a panorâmica completa da vida individual à atenção infinita do Anjo da Justiça e este, contemplando o passado da alma e tendo pesado adequadamente seu coração, tal como rezam os mistérios de Osiris, e extraído do mesmo as três energias resultantes do processo cíclico da morte do corpo de manifestação, emite seu justo veredicto e pronuncia o mantra sagrado: “Faça-se”. Um mantra ao qual respondem os devas cujo passado – não me atrevo a dizer carma – vem entretecido de muitos e muitos estreitos contatos com a alma que vai reencarnar e a partir deste momento acontecem cinco coisas: primeiro, são mostradas à alma que vai reencarnar, num momento de mística iluminação, as condições que deverá enfrentar em sua nova existência física. Esta iluminação lhe é transmitida pelo Anjo Solar. Segundo, são confiados à alma os três mantras ou as três místicas vozes, tal como esotericamente se diz, que hão de lhe confiar o segredo do seu novo nascimento: uma voz para o corpo mental, outra para o corpo emocional e a terceira e última para o corpo físico. A emissão destes três mantras abre os éteres do espaço e de seu imaculado seio surgem três devas, os três elementais construtores de grande... evolução espiritual, que devem construir os três corpos de manifestação da alma. Terceiro, uma voz ressoa então, procedente do plano cósmico, emitida pelo Senhor da Liberação, projetando-a sobre o corpo causal da alma, o Anjo Solar ou o Eu Superior e, ao conjuro deste mantra, emite outro muito direto e particular e o transmite à alma em processo de encarnação física. Quarto, a alma ouve esta chamada e, como acontece na criação de um novo universo, pronuncia o mantra de mística aquiescência: “Cumpra-se Senhor, Tua Vontade”.

Simultaneamente, correntes etéricas de três tipos vibratórios se juntam ao redor dos três átomos permanentes e se inicia o processo de substanciação do éter correspondente a cada um dos três veículos de manifestação, tendo lugar então o que em termos místicos chamamos de Mistério da Concepção. A partir deste momento, a alma entra em um estado definido de quietude e se submerge em um mundo de incompreensível silêncio, uma espécie de sonho da alma e deixa que os três elementais construtores realizem sua obra. O elemental físico se introduz então nas entranhas da mulher que vai ser a mãe física da alma que vai encarnar, levando consigo o tesouro inapreciável do átomo permanente físico que o Senhor dos Registros Akáshicos lhe havia confiado e, ao redor deste centro de energia cósmica contendo todas as memórias da alma, começa sua obra de construção do corpo físico, utilizando os éteres mais convenientes para a própria evolução da alma. Quinto, uma vez que o corpo físico tenha sido convenientemente estruturado, ao final do ciclo normal de nove meses, a voz do Anjo Solar ressoa novamente desde o plano causal, desperta a alma sumida em sonho e lhe indica o momento exato e transcendente do nascimento; este se efetua sob a direção do Anjo Liberador, o qual contempla o espaço sideral, vê a posição das estrelas e com uma sabedoria infinita que está além da compreensão humana, pronuncia o último e definitivo mantra: “Faça-se a luz” e a este conjuro mágico uma misteriosa corrente de vida divina impulsiona corpo e alma para o exterior, produz-se o parto e um novo ser nasce à vida da experiência nos três mundos do esforço humano, e o tempo e o espaço e sua obra mancomunada, a consciência, estão fundidos de novo para revelar o íntimo segredo da Vida de Deus, latente no mais profundo do coração de toda existência manifestada.

Com respeito às doenças, podemos dizer que todo tipo de doença registrada pelo ser humano em sua existência física é basicamente resultado de uma ação cármica emitida pelo Senhor da Justiça, depois de ter examinado os arquivos akáshicos fornecidos pelo Anjo dos Registros, as vidas anteriores da alma e, como consequência de tal leitura, divisando também as oportunidades divinas de redenção da alma, se provocam duas condições muito interessantes na existência humana: o pagamento consciente, ainda que irremediável, de erros passados e omissões espirituais, sob a forma de doenças físicas, doenças psíquicas e desordens mentais; a aceitação assim mesmo consciente por parte da alma de um carma adicional de doenças como oportunidades cíclicas de perfeição. Esse método de aceleração do processo cármico foi seguido amplamente pelos discípulos da Era de Peixes. A aceleração do processo evolutivo por parte dos discípulos da Nova Era – a Era de Aquário – se edifica através do serviço criador. Uma vez que a alma aceitou o desafio dos acontecimentos posteriores ao seu nascimento em seu contato com o Ser Causal, já nada deterá o impulso da lei de cumprimento e o carma deverá se cumprir. A expressão de tal impulso vem determinada por aqueles fatores que esotericamente poderíamos definir como pressões siderais, isto é, as influências astrológicas procedentes das constelações do Zodíaco e do próprio Sistema Solar. As doenças físicas e psíquicas obedecem assim ao ditado de uma lei justa e equitativa, aceita conscientemente na maioria das vezes pelas almas quando conseguiram acumular uma grande reserva de luz espiritual em suas vidas e podem reorientar o destino marcado pelas estrelas depois de haver efetuado grandes e supremos reajustes dentro de si, já como aspirantes ou como discípulos aceitos, sob a experiente direção de algum discípulo qualificado ou algum iniciado da Hierarquia Planetária.

Nada diremos nesta palestra de hoje acerca da origem básica ou cármica das doenças contraídas pelo gênero humano e transportadas à humanidade atual procedentes da evolução cíclica das primeiras raças, nem tampouco entraremos em detalhes acerca das formas psíquicas das doenças, já que estas ideias foram expostas no primeiro volume deste tratado. Deveremos insistir, porém, no fato de que nossa atmosfera planetária está plena de resíduos cármicos cuja ativa permanência nos níveis etéricos demonstra a incapacidade humana de sanear seu campo magnético-psíquico e de invocar convenientemente os devas violetas da cura física de doenças e os excelsos devas azuis que possuem o inapreciável segredo da harmonia psíquica.

O que mencionamos anteriormente sobre a aceitação voluntária de um carma adicional em forma de enfermidades, doenças ou outras condições adversas gravitando sobre a alma em encarnação física contém, contudo, uma cláusula secreta, se assim podemos dizer, mediante a qual uma reserva complementar de energia espiritual pode ser reorientada para qualquer particular ou transcendente destino, o qual desde o ponto de vista corrente deveria haver chegado a um limite extremo de cumprimento, sem oportunidade alguma de salvação, mas que, no entanto, dita salvação se produz e tem lugar. Não se tratará então, nem em nenhum caso, do que correntemente costuma-se chamar um milagre, nem tampouco a expressão de um poder sobre os Senhores do Carma, mas simplesmente que certas motivações ocultas da alma aconselharam aquele reajuste. Em alguns casos excepcionais, o carma de um discípulo sem reserva adicional de energia pode ser transcendido em algum dos seus aspectos físicos ou psíquicos quando, em virtude de algum trabalho específico que pode realizar a serviço da Hierarquia, lhe são concedidos os poderes da graça ou os especiais favores dos Senhores do Carma, os quais deixam nas responsáveis mãos do Mestre o carma particular daquele discípulo. Neste caso, a efetividade do serviço criador determinando uma maior afluência de energias superiores permite ao discípulo contrabalançar o peso do carma e transcender certos fatos astrológicos que normal ou fatalmente deveriam se produzir.

O fenômeno da velhice no corpo físico humano e seguramente no de todos os seres na vida da natureza, se produz pelo desgaste dos órgãos vitais à medida que as energias etéricas que até aquele momento o estavam integrando vão perdendo fluidez e não chegam com o adequado ritmo vibratório ao centro místico do coração. Inicia-se então uma lenta cristalização das funções orgânicas com seus fenômenos reconhecidos de debilitamento, passividade, estatismo e decrepitude, sendo esta última fase – a decrepitude – a que esotericamente prepara o caminho de retorno, a via natural de acesso ao universo subjetivo por parte da alma e a destruição do corpo físico por parte do Senhor da Morte. Como sabem, quatro são as idades cíclicas que condicionam a existência física do homem: a infância, a juventude, a idade madura e a velhice, as quais são uma analogia perfeita, ainda que em miniatura, das quatro idades planetárias descritas – tal como dissemos na palestra anterior – como: Kali-Yuga, Dvâpara-Yuga, Tetrâ-Yuga e Satya-Yuga, isto é: a Idade de Ferro, a Idade de Bronze, a Idade de Prata e a Idade de Ouro. Todas as idades cíclicas vêm regidas por uma porção determinada de tempo, utilizando uma analogia sobre a qual se apoia a totalidade desta palestra, aparecem estes quatro ciclos do tempo na vida da humanidade como um todo: zero, dezoito, trinta e seis, cinquenta e quatro e setenta e dois; cujas somas, sejam parciais ou

totais, nos darão sempre o número nove, já que o nove é o número do homem, tal como esotericamente é reconhecido.

Vejamos agora sua distribuição:

De 0 a 18 anos se considera a etapa da infância e da adolescência; é a fase correspondente ao princípio de integração vital.

De 18 a 36 anos é a etapa da juventude, com a máxima afluência de energia vital. O processo de integração ou de acumulação chega a seus limites extremos.

De 36 a 54 anos, aqui se produz o primeiro sinal de debilitamento físico, já que a partir dos trinta e seis anos se inicia lentamente um processo de cristalização celular e o corpo físico começa a rechaçar parte da energia vital.

Dos 54 aos 72 anos é a etapa da velhice. Vocês sabem que desde os 54 até os 72 anos o processo é nitidamente de restituição, o qual se inicia com o chamado ciclo de retorno que há de levar à morte física, mas recordem que as cifras que estamos examinando se referem à humanidade como um todo e não aos indivíduos em particular, que podem viver mais ou menos tempo que a idade de 72 anos como idade crítica de retorno. É o equilíbrio entre as idades o que qualifica a vida da humanidade e, como puderam observar, os quatro ciclos que esotericamente foram tomados como base destas analogias são de 18 anos, uma quantidade que não foi tomada caprichosamente ao acaso, mas que tem como fundamento o princípio vital da energia fornecida pelos processos físicos da respiração e da circulação do sangue. Tal como cientificamente é reconhecido, o ser humano efetua 18 respirações por minuto e a cada respiração correspondem 4 pulsações ou batidas do coração, dando, portanto, 18 por 4 igual a 72 pulsações por minuto. Se continuarmos por esta linha de analogia, considerando um dia completo da vida do homem em função de sua respiração, teremos: 18 multiplicado por 60 minutos será igual a 1.080 respirações por hora; e se multiplicarmos estes 1.080 minutos por 24 horas do dia, teremos 25.920 anos de idade cíclica, que no homem são as 25.920 respirações por dia, sendo esta quantidade – tal como dizíamos em anos – a correspondência exata de um Dia de Brahma, isto é, um dia completo de nosso Logos Planetário e o período de tempo que leva a Terra em dar uma volta completa sob a estrela sidereal regida pelas Doze Constelações do Zodíaco em seu movimento de retrogradação ou de precessão dos equinócios.

Prosseguindo nosso estudo, vemos que desde o momento do nascimento à vida física até chegar à idade de 38 anos, a alma foi acumulando substância energética ao redor do corpo físico natural, mas a partir daqui deve começar a devolver à natureza em forma lenta e progressiva toda a matéria energizada pelos devas com a qual chegou a estabelecer a medida física do carma. Abre-se então o chamado processo de restituição, durante o qual o complexo celular desgastado pelo nobre exercício do Eu espiritual em encarnação física começa a rechaçar as energias de renovação e a encerrar-se cada vez mais em si mesmo para constituir um bloco cristalizado que progressivamente se torna inservível para as necessidades da alma, a qual não tem outro objetivo naquela fase da existência que a liberação da forma física e a entrada no mundo subjetivo das almas.

Eis aí pois, que para a alma em encarnação física – um processo que e repetirá contudo nos outros corpos de manifestação, o astral e o mental – há dois grandes processos que constituem o princípio de sua própria essência evolutiva: primeiro, o de integração ou acumulação de energia concretizada proveniente dos correspondentes éteres. Segundo, o de restituição da dita energia, que tem por objetivo a redenção da forma e a liberação da alma. A velhice, pois, é o fenômeno natural desta lenta desintegração que há de devolver à mãe natureza todos os elementos vitais com que esta dotou a alma para fins de manifestação. Todo esse processo dual é regido pelo Senhor da Liberação, mas quando a matéria se torna completamente inservível para as necessidades da alma, somente o trabalho final do Senhor da Morte, o qual destrói as formas e restitui todos os elementos integradores dos distintos veículos à sua fonte natural de procedência, que é o éter do espaço. O Senhor da Morte executa o plano subsequente de liberação da forma nos três planos definidos da natureza: o físico, o astral e o mental. Trata-se de um processo alquímico de sublimação das energias mediante o qual e através dos chamados Anjos do Silêncio, a alma se vai liberando progressivamente de seus veículos de manifestação, esta liberação – tal como examinamos em palestras anteriores – consta de quatro fases: primeiro, a ruptura do cordão prateado por parte do Senhor da Morte; segundo, o processo de recapitulação dos feitos, por parte do Senhor dos Registros; terceiro, o exame de consciência da alma no plano astral, por parte do Senhor da Justiça; e quarto, a entrada no Devachan, nesta área de luz dentro da consciência que é provocada pelo Senhor da Liberação. Representando cada uma um aspecto particular na vida da alma, a qual no momento mesmo em que um daqueles Anjos do Silêncio rompe o cordão prateado que o unia ao corpo, penetra no 4º subplano do plano físico, chamado esotericamente etérico, e inicia ali um processo incrivelmente rápido de memorização ou recapitulação de todos os feitos realizados na existência física, apreciados em seus mínimos detalhes e constituindo um fenômeno único e transcendental de consciência provocado pelo Eu Superior ou Anjo Solar, desde o plano causal ou mental abstrato.

Uma vez esta recapitulação tenha sido plenamente realizada, a alma deixa de ver seu veículo de manifestação – o físico – e se refugia no 2º nível do plano astral, onde passará um certo tempo dedicado ao que esotérica e misticamente se denomina o exame de consciência. Este período de tempo, considerado de acordo com nosso conceito tridimensional do tempo, pode ser curto ou longo, desde dias ou meses até muitos séculos, dependendo em todos os casos da evolução espiritual alcançada pela alma. Aí, neste nível, tem lugar também uma segunda recapitulação, inteiramente astral, e consiste em recapitular ou memorizar todos os acontecimentos astrais vividos pela alma através dos desejos, emoções e sentimentos durante o processo da encarnação física. Uma vez efetuada esta segunda recapitulação e realizado o requerido exame de consciência, a alma penetra no plano mental e efetua no subplano correspondente a terceira e última recapitulação, muito mais breve que as duas anteriores e então penetra no Devachan.

Com estes dois nomes Kamaloka e Devachan, o investigador esotérico procurou representar dois estados particulares de consciência que a alma há de enfrentar depois de haver-se liberado das ataduras do corpo físico. O kamaloka, tecnicamente falando, é o próprio plano astral, fazendo referência muito concreta àquele subplano específico dentro do mesmo cujas vibrações estão mais em sintonia com a evolução da alma. Há

um processo de recapitulação de fatos astrais que se realiza correntemente – tal como vimos em palestras anteriores – no 2º subplano do plano astral, todavia as almas mais evoluídas realizam este processo obrigatório de recapitulação nos subplanos superiores do kamaloka, sendo muito mais breve também o período de permanência neste plano, um período que variará sensivelmente de acordo com a qualidade das energias espirituais acumuladas pela alma em seu corpo causal. Há assim, independentemente da evolução espiritual das almas, um processo de vivência astral dedicado a sublimar estados psicológicos utilizando a técnica do exame de consciência e a capacidade íntima que possuem todas as almas de utilizar criativamente as experiências do tempo para fins redentores. Em todo caso, uma irresistível tendência move as almas à ascensão aos níveis superiores do plano astral, realizando-se desta maneira uma espécie de filtração ou de sublimação das tendências grosseiras contidas no corpo astral ao passar de um a outro subplano, com o qual a alma se sente cada vez mais livre e qualificada para adaptar-se a estados de consciência mais nobres e a uma maior utilização das qualidades entesouradas em seu interior como fruto da experiência espiritual. Os devas habitantes de cada um dos subplanos do plano astral oferecem sua fraternal colaboração às intenções da alma de se purificar astralmente com vistas à redenção e sublimação da matéria astral acumulada em seu corpo psíquico e afetando a maior ou menor sensibilidade espiritual do mesmo. Quando a vida da alma demonstra uma patente incapacidade de ascender a outros subplanos superiores do plano astral, isto é, que ficou normal e naturalmente estacionada, recebe então um impacto à luz causal e se sente impelida para o plano mental, situando-se no subplano deste plano em sintonia perfeita com o subplano que ocupava a alma no plano astral.

Devido a que os estados de consciência experimentados pela alma no plano mental depois do processo da morte são interdependentes com os vividos astralmente, há então uma relação muito estreita e direta entre o kamaloka, esotericamente descrito como lugar de desejo, e o Devachan, que significa esotericamente consciência dévica ou de bem-aventurança, lugar de descanso da alma, poderíamos dizer, que todas as almas possuem, já que todas têm seu próprio kamaloka e seu Devachan particular, configurados por todos e cada um dos seus estados de consciência no porvir da existência cármica, e constituindo as bases universais sobre as quais os seres humanos levantam a nobre estrutura de sua realização espiritual.

**Interlocutor** - O Sr. tem falado da correspondência entre o plano mental da morte e da justiça, mas me parece que não falou da memória para a liberação.

**Vicente** - É que a memória é universal, isto é, que o objeto da memória como o registra o inseto é igual para o próprio Logos, não há uma diferença de potencial. A memória é o espaço e tudo quanto faz o indivíduo se grava no éter no espaço e, portanto, pode ser constantemente recordado. Dêem-se conta, repetimos, do fato de que não podemos recordar nada de quanto tenhamos realizado no tempo – se não existisse este poder da memória que faz afirmações constantes, porque nos afirmamos constantemente na memória, deem-se conta de que o menino para andar tem que recordar o que lhe acontece e nós, para pensar, deveremos recordar o ter pensamentos ou a primeira percepção que conduz à criação do pensamento. Portanto, quando falamos de memória cósmica estamos falando do espaço que é o contentor absoluto de todas as memórias, desta maneira existe uma reciprocidade, uma analogia perfeita entre todo ser



vivo, seja um átomo, um inseto ou um poderoso avatar, porque todos se afirmam em seu contexto de memória e, ainda dentro do grande pralaya do Logos, existe a memória, cada vez que tem que surgir para dar vida a outro universo tem que remover todo o seu arquivo de memórias. Se assim não fosse, não haveria continuidade de consciência, não haveria continuidade no tempo, portanto é universal, é cósmica a memória, não tem uma expressão, digamos, é completamente abstrata, como abstrato é o espaço e o tempo.

E na liberação existe o mesmo, porque cada vez que morre qualquer ser vivo, entra em um plano de liberação, a matéria se redime e a alma se libera e isto, repetimos, é o mesmo em um inseto, em um ser humano e em qualquer Logos, por mais elevado que seja. É a liberação e por isso a iluminação do Mestre, do discípulo ou do iniciado ou o parto de um ser humano sempre são etapas de liberação, compreendem?

**Interlocutor** - Então, por isso é o mesmo o signo da morte com a expressão da liberação, um é o 1º raio e outro o 7º raio.

**Vicente** - Sim, porque o 1º se apoia no 7º, isto é, que a 1ª sub-raça da 1ª raça tem uma correspondência absoluta com a 1ª sub-raça da 7ª raça e também com a 7ª sub-raça da 7ª raça, é o princípio e o fim do universo, a morte como motivo de liberação e a memória como motivo da justiça, porque quando o Senhor do Carma tem que aplicar a justiça, forçosamente tem que ver a imensa panorâmica dos atos da alma, o que lhe facilita o Senhor do Tempo ou o Senhor dos Registros Akáshicos ou a Memória Cósmica.

**Interlocutor** - Então poderíamos dizer que o Senhor da Morte é Áries?

**Vicente** - Pode ser. Todo objeto de 1º raio pode ser um veículo da morte e todo astro de 1º raio ou de 7º raio podem ser veículos para o Senhor da Liberação. É a mente humana que deve buscar a analogia. Isto, como verão, é uma analogia de tipo geral, pode ser que não seja exatamente assim, mas é tal como eu vejo.

**Interlocutor** - Áries é o princípio?

**Vicente** - Exato

**Interlocutor** - É o princípio de nascimento, de vontade.

**Vicente** - E porque não Plutão, como é o Senhor da Morte? Porque não Urano ou porque não Vulcano, que são do 1º raio também? Quer dizer, só estamos apontando umas ideias para afirmar a mente e procurar tirar conclusões... O interessante é saber desde um bom princípio que estamos reduzidos ao carro do quaternário e que cada uma das fases do quaternário – o corpo físico, o corpo etérico, o corpo emocional e o veículo mental – são regidos em suas etapas principais por um ou outro dos enviados do Senhor do Carma, por uma ou outra das quatro idades, por um tipo determinado de cor ou de raio e por um tipo determinado de atividade na vida. O que interessa é aplicar o juízo da Lei e ver até que ponto o quaternário, que é o nosso veículo de expressão, está em um processo de integração que o capacite para se liberar de certas impressões cármicas e poder ascender para onde o carma, embora atue, não seja com a intensidade com que

atua no quaternário. Bem-aventurado aquele que nesta 4ª ronda, neste 4º planeta da 4ª cadeia possa se liberar da atividade do quaternário, pois então se libera e descarrega do seu trabalho aos Senhores do Carma. O mesmo que esotericamente sabemos, que trabalhamos todos para o mesmo Senhor, que uns o fazem conscientemente e que outros o fazem inconscientemente, mas que o trabalho do Senhor deve ser realizado através do ser humano. Considerem sempre do ponto de vista de Krishna contemplando a Arjuna, sendo Arjuna a obra dos Grandes Senhores e sendo Krishna aquele que está crucificado na cruz do carma, dirigindo o processo da evolução até que, tendo triunfado do tempo e tendo se liberado do quaternário, emerge como uma rosa no centro da cruz.

**Interlocutor** - A palavra da frase Ave Fênix representa o máximo de conciliação neste planeta?

**Vicente** - Bom, a ave Fênix é um símbolo, é um mito que pertence a...(corte de som)...isto é, que a pessoa sobe às alturas apoiando-se sobre seus corpos mortos através das idades, as cinzas dos seus corpos constituem os degraus da grande escada cósmica da evolução, constituindo desta maneira aquilo que misticamente se denomina o Mistério da Serpente, que é o mistério da renovação, lembrem-se de que periodicamente a serpente muda de pele, o que significa que a liberação ou as cinzas são o ressurgir sempre deixando o que já não tem importância, que está gasto pelo uso ou que não tem já nenhuma significação para nossa própria vida espiritual e que se deixa abandonado. Apoiamo-nos na multiplicidade de “eus” mortos através do tempo, sendo os “eus” cada um dos estados de consciência que potencialmente podemos transcender, mas a transcendência desta atitude é a que leva o indivíduo à liberação, pode ser como a serpente, deveria mudar constantemente de pele, o que tem muito que dizer, que o homem sempre se apega às suas peles, aos seus “eus” e, portanto, não pode ascender apoiando-se sobre seus cadáveres, está vivendo de cadáveres, se me permitem a expressão. E o vemos, a tradição com suas múltiplas facetas demonstra a incapacidade do homem de seguir adiante, fica sempre pendente de um ponto, quando esotericamente não existe ponto algum de referência como meta de evolução, existe um movimento constante, um movimento progressivo em espiral que jamais deve culminar, aí está a glória da ação criadora do ser humano, que jamais poderá culminar, e pobre daquele que busque uma meta de chegada e diga: “Aí vou chegar”, porque ficará cristalizado pela atividade surgida desse ser de acordo com aquela meta estabelecida, a qual sempre denota rigidez no tempo e escravidão no tempo, tanto que a liberação é deixar todo o tempo e todo o espaço ficar só... dentro da imensidão da vida de Deus. Isto para mim é liberação, é o contínuo movimento da vida passando por nossa mente e nosso coração sem encontrar resistência. Isto é a liberação.

**Interlocutor** - A partir de que momento começam os arquivos akáshicos a atuar em nossa evolução?

**Vicente** - Ao nascer o ser humano ou um Logos à vida manifestada, no momento da concepção começa o registro, isto é, desde o momento da concepção, seja humana, planetária ou solar, começa o Senhor dos Registros a atuar. Isto é, na cruz criada sobre a vida do homem, sobre a vida da natureza em suas múltiplas facetas e espécies, a cruz que atravessa o universo e a cruz que atravessa o cosmo, no centro existe um átomo permanente, seja um átomo humano, de reino ou logoico. É a

concepção mística. Não há concepção se não existe o átomo permanente depositado nele e, segundo se diz e segundo se pode ver clarivamente, junto com a concepção entra o átomo permanente físico para que dê vida à criatura e o átomo permanente físico se converte no coração solar com seu movimento de sístole e de diástole ou o movimento de projeção para o cosmo – diástole – ou o movimento de contração para a matéria que cria o princípio de gravidade. Assim que o princípio de gravidade e o princípio de expansão cíclica são a obra do átomo permanente quando o fogo do coração começa a bater e que, portanto, ao começar a viver começa a registrar, mas isto, não obstante, no átomo permanente existem já as memórias de todas as épocas vividas pela alma, isto é, que não se perde a memória porque existe algo em cima, é um processo ultradimensional, pensamos em três dimensões quando nossa mente está se movendo por cinco dimensões e sentimos em três dimensões, quando nosso sentimento integrador deveria estar... e está na quarta dimensão. Portanto, é muito difícil apresentar as coisas à base da alma, por culpa do nosso apego, para ter uma ideia tridimensional daquelas dimensões ultradimensionais, há que se fazê-lo assim, não é verdade?

**Interlocutor** - Então, de acordo com estas ideias, somente se consegue a verdadeira vida quando há um nascimento, quando há uma união...

**Vicente** - ...uma concepção...

**Interlocutor** - ...sim, então é quando concebo o que o Sr. disse agora, se concebe quando há uma união no interior é quando se concebe a verdadeira vida.

**Vicente** - Exato. Deem-se conta de que todo o processo da vida arranca no momento da concepção e que não há concepção se não há conjunção da polaridade homem-mulher, logos masculino-logos feminino. Há que aplicar constantemente a analogia e não ter o medo de se lançar num grande vazio, porque quando falamos de Deus, que vamos dizer, se Deus somos nós? A imagem que podemos fazer de Deus é o Deus que costumamos ver em nossas meditações e este Deus, naturalmente, vem condicionado pela multidão de lembranças que constituem nossa consciência, isto é, uma forma de liberar o Senhor dos Registros é deixar de ser consciente no tempo. E a gente não quer empreender este exercício porque crê que ao deixar de fazer pressão sobre as lembranças, vai extinguir-se como “eu”, isto é, que praticamente vai ser aniquilado, o que não é verdade, porque unicamente se relega ao esquecimento voluntário aquilo que não é positivo para a marcha da evolução. Uma pessoa pode deixar de pensar e vocês talvez durante o curso desta palestra tenham estado vazios, sem pensar em si mesmos, tenham estado conscientes da eternidade naquele tempo, somente porque estavam atentos. Sem a atenção, como temos dito muitas vezes aqui, o único método de que o homem se libere da condição ambiental, que seja ele mesmo, que se envolva numa aura de luz e de silêncio dentro da qual seja ele e somente ele quem atua e quem vive esta vida imensa, esta vida rica de imortalidade.

**Interlocutor** - Esta aura de silêncio, poderíamos dizer silenciar os corpos, esses corpos que aclamam sempre, que pedem e desejam, esta mente inferior que exige poderíamos dizer – nossa mente inferior porque às vezes com nossa mente superior também se pode exigir, mas então já é positiva – então este silêncio é necessário praticá-lo, conscientizá-lo.

**Vicente** - Sim, mas não para matar os corpos, mas para eliminar as modificações ancestrais, aquilo que provém das eras pretéritas, como as enfermidades por exemplo, e que nós perpetuamos pela consciência que dela fazemos. As doenças, qualquer tipo de lesão interna, são sempre modificações dentro da consciência. É momento de que o ser humano compreenda que as doenças não são coisas mas que são entidades psíquicas e lute contra elas no plano psíquico, verá que a ciência médica entra no campo do esoterismo e começa a trabalhar conscientemente com as energias e não com as forças que operam no mundo material. Isto é, se pudéssemos nos manter nessa aura de quietude provocada pelo intenso desejo de perceber, ou uma grande atenção para determinada coisa, criaríamos um vazio ao nosso redor que nos liberaria dos efeitos perniciosos das entidades que provocam as doenças, umas entidades dévicas inferiores que nascem precisamente da consciência dos homens, a consciência negativa dos homens e da inquietude, do medo, dos ciúmes, da inveja e do egoísmo. São os verdadeiros criadores das doenças psíquicas do planeta. O que provoca uma guerra, provoca um câncer dentro do corpo humano, não se dão conta disso? Então haverá que pensar em grandes proporções, haverá que viver mais além desta pequena realidade de cada dia e isto somente podemos fazê-lo quando nossa aspiração estiver realmente situada onde deve estar: no mundo das causas e não simplesmente no mundo dos efeitos caleidoscópicos do tempo; e isto é uma forma de entrar no processo da iniciação, isto realmente é vida, não o que estamos fazendo, que é a perpetuação da morte através do tempo sem possibilidade alguma de redenção.

**Interlocutor** - O processo das doenças pode vir também, me pareceu ouvi-lo nomear as doenças, através das raças das quais proviemos, a Atlante, a Lemuriana etc., então eu me pergunto que relação deve haver para um esotérico o fato de observar o que são os tipos de sangue? Ou seja, de vários grupos, pois isso deve assinalar que somos de um determinado tipo de raça e então pelo tema da ciência médica, mas esotérica, poderia então intervir porque sabendo de que tipo de raça deveria ter um tipo de enfermidades característico e então poder interceptar, me entende?

**Vicente** - Se uma doença originariamente é o produto de uma série de pensamentos inferiores ou de desejos insanos dentro do coração humano, não é através do estudo da ciência sobre determinados tipos de sangue, de células ou do que seja, que se realizará o milagre de extirpá-las do ambiente social, mas unicamente em que a pessoa se dê conta de que como fator humano está contribuindo para o mal-estar social, prescindindo por completo, tal como dissemos então, se as doenças ou as lesões psíquicas provêm do passado, de um passado longínquo como a raça lemuriana por exemplo ou a raça atlante – muitos milhões de anos – mas que continuam aí, na forma de entidades psíquicas contribuindo para o mal-estar físico, astral e mental dos seres humanos. É mais interessante que o homem compreenda em que justa medida contribui para a expansão destas egrégoras raciais que nos vêm transmitidas do passado e que, portanto, aplicando a espada da justiça se esteja cerceando todos os tentáculos deste monstro, seja qual seja, dessas doenças ditas incuráveis que estão penetrando no ambiente planetário e sobre as quais, vocês sabem, a ciência é incapaz de lutar. Não é no terreno científico que se encontrará a causa das doenças, mas no real mundo psíquico e neste mundo psíquico há uma riqueza de significados tremenda que talvez algum dia

seja a solução para aquelas pessoas que tenham dores, padecimentos ou doenças do tipo incurável.

Seguramente, se vivêssemos sempre em silêncio, não haveria nenhuma doença, mas me pergunto se será possível que nos mantenhamos constantemente neste silêncio místico, silêncio que não possa perturbar a relação com os demais, que tenha que ir mais além dos demais, que esteja em silêncio onde exista ruído e que trabalhe constantemente dentro desta atmosfera de quietude para aliviar as necessidades de seus irmãos. Pergunto-me se existe uma tarefa mais nobre que esta nos momentos atuais, onde há tanto sofrimento por toda parte.

Vamos fazer um momento de silêncio e terminaremos. Não quero cansá-los mais. Muito obrigado.

---

---

Conferência de Vicente Beltrán Anglada

Barcelona, 11 de outubro de 1980

Digitalizada pelo Grupo de Transcrição de Conferências (G.T.C.) em 21 de março de 2006  
no original em espanhol  
Traduzida para o português pelo Grupo de Tradução

---

---